

# **A criação literária e o Algarve, no Algarve ou do Algarve?**

## **Reflexões sobre literatura regional(ista)**

Adriana Nogueira\*

Em resultado da conversa informal que foi o *Quintas de Cultura – Criar Letras*, foi-me sugerido que desenvolvesse algumas reflexões das quais resultou este trabalho, que intitulei, inicialmente, «A criação literária e o Algarve». Porém, várias questões se foram levantando e, no final, o título alongou-se para «no Algarve ou do Algarve», em forma de interrogação.

O verbete «Algarve», da autoria de David Mourão-Ferreira, n' *O Dicionário de Literatura*, serviu de ponto de partida para ajudar a equacionar a problemática: «Para uma estimativa geográfica da literatura portuguesa foi assaz tardia, embora muito característica, a contribuição do Algarve, quer como berço de grandes escritores, quer como tema, tópico ou motivo de obras significativas» (Coelho, 1987, p. 37).

É, pois, o Algarve tema, tópico ou motivo de obras significativas? Sem dúvida. É berço de grandes escritores? Sem dúvida. E muitos mais dos que àquela época foram destacados no verbete, mas não é esse o propósito aqui. Neste pequeno trabalho pretendo apenas problematizar questões que enunciei no título, através de diversas reflexões que elas proporcionaram.

---

\* Docente de línguas e literaturas da Universidade do Algarve

## **1. Algarve: «tema, tópico ou motivo»**

O uso do Algarve como tema, tópico ou motivo literário é relativamente frequente, quer em poesia, quer em prosa. A coletânea *Algarve, todo o mar*, organizada por Adosinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, em 2005, contém mais de 400 páginas de elucidativos discursos poéticos (em prosa ou verso) construídos à volta de «Algarve», versando temas como o Mar, a Natureza; *topoi* como a viagem («O percurso poético pelas cidades, ao longo da costa e para o interior», p.21) e o passado mítico («evocação mítica do passado», p.20); motivos vários, como a «experiência dolorosa da emigração» e o «convívio fluido dos veraneantes» (p.22), por exemplo, dado que muitos outros ali se podem encontrar, agrupados em 10 núcleos, cronologicamente organizados internamente. A exigência na seleção centrou-se nas marcas de Sul, Algarve e Mar nas obras selecionadas, não tendo os seus autores que ser algarvios ou residentes na região.

O Algarve na literatura foi, em 2009, o tema do ciclo conferências «Viajantes, Escritores e Poetas: Retratos do Algarve», do qual resultou uma publicação homónima, coordenada por João Carlos Carvalho, docente da Universidade do Algarve, e Catarina Oliveira, do Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela. Neste volume há estudos vários sobre a forma como o Algarve é visto, quer na literatura tradicional quer na perspectiva de poetas, prosadores, historiadores e viajantes de diversas épocas e origens, da crónica do árabe al-Razi, do século X, a escritores que ainda estão entre nós: António Ramos Rosa (Faro, 1924-), Teresa Rita Lopes (Faro, 1937-), Lídia Jorge (Boleiqueime, 1946-) e Nuno Júdice (Mexilhoeira Grande, 1949-).

## **2. «Berço de grandes escritores». Discurso ideológico?**

Quanto a o Algarve ser berço de outros grandes escritores, abstenho-me de fazer uma enumeração, não só porque o livro *Quem foi Quem: 200 Algarvios do século XX*, de Glória Maria Marreiros, já lista muitos (infelizmente, apenas os já falecidos),

mas porque este trabalho não tem fôlego para tal. No entanto, irei referir alguns que fazem parte do panorama literário nacional e internacional, mas apenas dentro do contexto que me interessou explorar neste trabalho. Sobre muitos outros – de quem gosto e de reconhecida qualidade literária – não falarei ou não me alongarei, pois não é esta a ocasião. Vou acrescentar apenas um mais antigo, mas de «descoberta» recente. Em 2012, a Planeta Manuscrito publicou a edição que Pedro de Almeida Vieira preparou de *O Estudante de Coimbra*, romance de Guilherme Centazzi (Faro, 1808-Lisboa, 1875), um autor esquecido pelos dicionários de literatura. Numa outra ocasião poderei escrever sobre ele, já que nesta obra, o ser algarvio é declarado com orgulho por diversas vezes e apresentado como símbolo de valores morais.

Na verdade, o berço de um escritor não lhe atribui maior ou menor qualidade literária. Ser originário de um lugar ou de outro poderá trazer, ou não, determinadas características à sua escrita, que uns e outros que o leem conseguirão ou quererão descortinar, independentemente de ele as ter escrito com essa intencionalidade. «Sentir? Sinta quem lê», dizia Fernando Pessoa<sup>8</sup>.

Contudo, com alguma frequência os responsáveis de autarquias e regiões reclamam como seus os autores que nas suas terras nasceram, cresceram, ou que nelas escolheram viver. Parece-me uma atitude legítima que contribui para que bons escritores não fiquem esquecidos, só porque ou nunca publicaram ou não o fizeram numa editora com projeção nacional. Há quem promova concursos literários, como o fez a Câmara de Portimão com o Prémio Literário Manuel Teixeira Gomes, sem limitação de origem do candidato; há quem impulse a revelação de autores locais, como o fez a Câmara Municipal de Olhão, com a publicação dos trabalhos *Antologia de Novos Autores de Olhão*, limitado a, lê-se na contracapa, «maiores de 14 anos, nascidos ou a viver em Olhão, sem trabalhos publicados nas modalidades» a que concorriam. Muitos patrocinam edições de autor. Outros ainda procuram recuperar a memória daqueles que o tempo fez esquecer. Como exemplo deste último, realço o trabalho de

---

<sup>8</sup> No poema «Isto».

Monchique para divulgar a obra de Manuel do Nascimento (Monchique, 1912 - Lisboa, 1966), fazendo um aproveitamento do facto do autor ali ter nascido para a promoção e enriquecimento cultural da zona, lendo no que o escritor escreveu as referências à terra natal, para melhor o integrar no seu propósito.

No conto «Suspeita», de *O Último Espectáculo*, a personagem masculina afirma: «Viemos há poucos meses para a cidade – a cidade que eu odeio. Moldou-se-me o temperamento na Serra, a Serra me embalou; trago sempre nos olhos os horizontes sinuosos da montanha e nos ouvidos o zumbido do vento» (p.150). Este desabafo da personagem foi provavelmente interpretado como uma «subtil» e «engenhosa» referência à terra natal, como se pode ler num documento, sem indicação de autor, publicado pela Câmara Municipal de Monchique<sup>9</sup>:

*Ao longo da carreira de escritor e do destino de homem, a sua relação com a terra natal é marcada, essencialmente, não tanto pelo rasto cívico que nela deixou, mas, em contrapartida, pelo diálogo permanente com a paisagem física e humana da Serra de Monchique, gravado de forma subtil, mas indelével e engenhosa, na quase totalidade da sua narrativa.(p.3)*

No mesmo documento, afirma-se que:

*Monchique faz parte da história da Literatura Portuguesa; em Monchique nasceu e viveu Manuel do Nascimento, onde foi escrita parte importante da sua obra. Para Monchique é de grande importância ter um escritor, que foi seu, que teve projeção nacional e com obra publicada no estrangeiro, para além da obra jornalística e editorial que nos deixou. Trata-se de uma referência de indiscutível valor histórico, de que Monchique deve apropriar-se, expandindo-a, e disso tirando proveito.*

*(...) Assim, desenvolvendo a obra já feita no sentido de divulgar a obra do escritor, Monchique multiplicará cidadãos com mais e melhor cultura, dando-lhes referências, enfim, valorizando o que é seu. E exportando valores. A ligação da cultura às coisas económicas é evidente. Cidadãos com mais e melhor cultura, com referências e com*

---

<sup>9</sup> «Relação de Manuel do Nascimento com Monchique». Consultado a 5 de fevereiro de 2013, em <http://www.cm-monchique.pt/NR/rdonlyres/C119D4C6-B9DF-4255-AB4D65ED32B416BC/o/RELA%C3%87%C3%83ODEMANUELDO NASCIMENTOCOM MONCHIQUE.pdf>

*mais largos horizontes, só podem beneficiar social e economicamente o concelho.* (p.1-2)

Nestas declarações nada ambíguas, há uma clara assunção de que a existência de um autor a que se possa chamar «seu» deve ser aproveitada e explorada para bem do local – um espaço mais limitado que a região e com aspiração a destacar-se no panorama regional, nacional e, pelas características do Algarve, internacional.

Nesta linha, a posição política de uma câmara municipal em relação à literatura que se pretende regionalizar (e, paradoxalmente, expandir, para passar as fronteiras do local) aproxima-se da seguinte definição<sup>10</sup>:

*O termo regionalismo é usado alternadamente para descrever o princípio unificador de um corpus de textos literários (isto é, uma literatura regional), a ligação de um escritor a um lugar particular, a diversidade de escrita dentro espectro mais alargado de uma literatura nacional ou uma espécie de consciência ou discurso ideológicos.* [sublinhado meu] (Wyle, Riegel, Overbye, & Perkins, 1998, p.X)

### **3. Literatura regional/ Literatura regionalista**

Aquando da comemoração dos 30 anos de vida literária de Lídia Jorge, foi organizado um debate em janeiro de 2011, em Loulé, com a homenageada e outros escritores nascidos no Algarve – Gastão Cruz (Faro, 1941-), Nuno Júdice e Fernando Cabrita (Olhão, 1954-) – subordinado ao tema «Existe uma Escrita a Sul?» Nesse evento debateu-se a questão, não de uma literatura algarvia, mas de uma literatura do sul (de um sul até mais abrangente que o Algarve), tendo a ideia geral sido que as marcas de um sul tanto pode estar em algarvios como em escritores que não são da região (como é o caso de Sophia de Melo Breyner Andresen<sup>11</sup>). Qualquer um destes autores tem reconhecimento e larga aceitação do público português, todos com obra extensa e traduzida em outros países. Nestas circunstâncias, o adjetivo «algarvio» aposto ao seu

---

<sup>10</sup> As traduções presentes neste artigo são da minha responsabilidade.

<sup>11</sup> E o mesmo se poderia dizer relativamente aos Açores e a Antonio Tabucchi, em *Mulher de Porto Pim*, livro no qual demonstra conhecimento da atividade da pesca à baleia e da vida dos baleeiros, apesar de italiano.

nome, apesar de, *per se*, não pressupor nenhuma limitação ou diminuição, não tem sido visto como um elogio, muitas vezes por a ignorância poder fazer pressupor a inexistência de uma universalidade que a sua escrita efetivamente comporta.

Conto uma história ilustrativa, que sempre refiro quando falo ou escrevo sobre este aspeto. Há cerca de 10 anos, por volta de 2003, quando procurava o volume 2 ou 3 de *A Pior Banda do Mundo*, uma inteligente coleção de José Carlos Fernandes (Loulé, 1964-), um dos nossos melhores autores de banda desenhada (premiado nacional e internacionalmente, com uma ampla obra, traduzida em várias línguas e adaptada a cinema e teatro), fiz conversa com a funcionária da livraria de Faro (enquanto ela procurava, sem encontrar), dizendo eu que ele era de Loulé. Nesse momento ela interrompe a busca e diz-me secamente que não ali não tinham livros de autores regionais.

O debate sobre literatura regional não é um assunto que tenha ocupado muito (nem muitos) estudiosos da literatura portuguesa. Nos anos 80 do século XX, João Gaspar Simões afirmou que «já não é pouco haver uma literatura portuguesa»<sup>12</sup> e um olhar pelas 90 comunicações e as 4 conferências no II Simpósio Luso-Afro-Brasileiro de Literatura (Cristóvão, Ferraz, & Carvalho, 1997) dá-nos uma ideia das preocupações dos académicos, muito mais viradas para esta questão no Brasil, África, e até ilhas, do que no continente. Nos Açores, por exemplo, há muito que se vem debatendo a questão da existência de uma literatura regional e, mais propriamente, uma literatura açoriana, tendo alguns vultos da nossa cultura, oriundos daquele arquipélago, como Vitorino Nemésio, João de Melo ou Onésimo Teotónio de Almeida, afirmado a sua existência, pois nela se «reflectem mundividências, posições teóricas sobre estética, pontos de vista sobre uma realidade humana num espaço geográfico específico (os Açores)»<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade\\_simoes\\_1981.htm](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade_simoes_1981.htm). Consultado a 28 de janeiro de 2013.

<sup>13</sup> Onésimo Teotónio de Almeida, in *A questão da literatura açoriana*, 1983, *apud* José Carreira, no *site* por si desenvolvido, onde se encontram disponíveis muitos destes textos: [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/literatura\\_acoriana.htm](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/literatura_acoriana.htm). Consultado a 28 de janeiro de 2013.

Em 2008, Ana Maria Costa Lopes fez um estudo<sup>14</sup> intitulado «Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura», onde alerta para o facto de esta matéria não ser linear. Estabelecendo uma diferença entre literatura regional e literatura regionalista, considera que «os textos regionais nem sempre são interessantes. Por vezes, limitam-se a localizar a acção numa determinada terra, sem que tenha a ver totalmente com as suas características» (p.160-1), enquanto a literatura regionalista é a forma «mais extrema» da regional, na qual:

*os autores descem obrigatoriamente à terra e às suas fortes ligações anímicas, sociais e culturais, entrosando tudo com a geografia típica da província onde a acção se desenrola e com o modo de vida das populações que retratam. Esta tendência supõe mesmo uma imersão nesse modo de vida, de uma maneira muito mais absoluta do que a que os cientistas sociais denominam de observação participante. Parte da herança e capitalização de um manancial de situações «únicas», em que a terra ou o mar e as suas gentes, com a sua religiosidade, superstições, alimentação, profissões ou ocupações, modos de vida, sentimentos, vestuário, folclore e as suas características linguísticas são a matéria original que os escritores transfiguram, de forma mais ou menos profunda, conforme a sua capacidade de captação e de transformação paradigmática do real (Lopes, 2008, p. 161)*

Ao Algarve, porém, dedica pouco mais de três páginas (p.200-3), entremeadas com três fotografias: duas com praias, veraneantes e barcos – foto 26 e 27 – e uma com rochas e mar – foto 25. Refiro este facto, por realçar apenas o lado mais turístico, menos próximo da literatura. Talvez o tenha feito deste modo para ilustrar o capítulo que começa com uma citação de Miguel Torga, que dizia o Algarve ser

*sempre um dia de férias na pátria. Dentro dele nunca me considero obrigado a nenhum civismo, a nenhuma congeminação telúrica nem humana [...] A política não entrou ali; as guerras não passaram ali; a literatura não pontifica ali. E o ritmo das horas não é*

---

<sup>14</sup>[http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col\\_Percursos\\_Intercultura/3\\_PI\\_Cap4.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/3_PI_Cap4.pdf), in *Portugal: Percursos de Interculturalidade*, 3 - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

*quebrado pelos solavancos dos jornais e da rádio. Quando as notícias chegam, já é tarde para acudir.*<sup>15</sup>

Esta é uma imagem formada por aqueles que não vivem ou viveram na região. Poderá estar certa para cada um que assim a sente quando a visita (como teria sido o caso de Torga), mas não faz jus aos que a habitam e que se dedicam às mesmas atividades que os restantes cidadãos do país, incluindo a política e a literatura. E que também tiveram de passar por guerras<sup>16</sup>. Quanto aos autores referidos no artigo, notam-se muitas ausências, justificadas pela autora, provavelmente, pelo facto de não se enquadrarem no seu propósito:

*No presente estudo, abarcamos alguns autores dos séculos XIX e XX, privilegiando os contos, género mais cultivado em Oitocentos, sem que com isso se possa pôr de parte alguma produção romanesca. Não é, com efeito, intenção deste ensaio focar todos os escritores de todas as regiões, nem todas as suas obras com características regionais (p.162).*

No entanto, destacar apenas Manuel Teixeira Gomes (em «Copejada de atum», carta de 1926), Julião Quintinha (com *Vizinhos do Mar*, de 1921), e Luís António dos Santos (com *Barlavento*, de 1943), autores referidos no verbete de David Mourão-Ferreira atrás mencionado, parece-me pouco ilustrativo da prosa literária sobre/de/no século XX. Neste contexto, parece-me deslocada a referência isolada a *O medo longe de ti*, de António Manuel Venda (Monchique, 1968-), um romance de 2003. Sem algum demérito para o autor, e cingindo-nos ao século XX (pois A. M. Venda continua, felizmente, a publicar), a breve referência que lhe faz, em segunda mão, exclui o primeiro livro deste escritor, datado de 1997, *Quando o Presidente da República visitou Monchique por mera curiosidade*, que, dentro do conceito que a autora apresenta de regionalista, e porque, este sim, é um livro de contos (o objeto primordial do seu estudo), poderia ter sido citado. Diz Ana M. C. Lopes não querer mencionar poetas, mas como

---

<sup>15</sup> TORGA, Miguel «O Algarve», in *Portugal*, Coimbra, ed. do autor, 1986, 5.<sup>a</sup> ed. revista, pp. 131-4, *apud* LOPES, A.M.C., *op.cit.*, p.200.

<sup>16</sup> Daqui se foi para o ultramar, daqui se foi para a 1.<sup>a</sup> Grande Guerra e aqui se lutou contra os franceses, com consequências importantes para a história nacional. Cf. SILVA, Nuno Pereira (coord.) *O Algarve e as Invasões Francesas*, Tavira, Ed. Regimento de Infantaria 1, 2010; MENDES, António Rosa, *Olhão fez-se a si próprio*, Olhão, Gente Singular Editora, 2008.

admite incluir, para além dos contos, produção romanesca, teria sido interessante referir, por exemplo, o primeiro romance de Lídia Jorge, *O Dia dos Prodígios* (1980) ou *O Cais das Merendas* (1982), ambos do século passado e com traços do que Ana M. C. Lopes refere como regionalismo: não lhes falta ligação anímica, social e cultural, entrosada com a geografia e modos de vida.

### 3.1. Neorrealismo

Ao contrário do que se faz em países como o Brasil, Estados Unidos e Canadá, para dar alguns exemplos de nações onde este debate tem sido muito profícuo, não se encontram reunidas, no nosso país, as condições para a identificação de uma corrente regionalista consistente, não querendo com isto dizer que não haja alguns exemplos de obras que possam ser classificadas deste modo. O mais próximo de um movimento literário com características regionalistas é o neorrealismo, cujos romances, pela sua preocupação social com os desfavorecidos, injustiçados e explorados, procuram aproximar-se do povo, utilizando frequentemente expressões e tipificações de regiões, e pretendem representar personagens de diversas partes do país, principalmente nas zonas rurais ou de província. Dá-se, assim, uma confluência de temas, levando-nos a poder considerar que, com o neorrealismo, estamos próximo do romance regional, seguindo Rogério Puga, autor do verbete «Romance Regional» no *E-Dicionário de Termos Literários* (Ceia, 2010):

*Comparada com a situação de outros países, em Portugal, esta mesma denominação - com a variante “romance rural” - vinga de forma ténue na crítica literária, excepto no caso da literatura de cariz (neo)realista [itálico meu], talvez porque a dimensão geográfica e a divisão política do país - factores antropológicos e extra-literários - não o facilitem (Puga, 2010).*

Darei dois exemplos de escritores neorrealistas nascidos no Algarve.

Um, é o já mencionado Manuel do Nascimento (Monchique, 1912 - Lisboa, 1966), se bem que, nas palavras de Luís de Sousa

Rebelo<sup>17</sup>, no prefácio que faz à 2ª edição de *O Último Espectáculo*<sup>18</sup>, Manuel do Nascimento não tinha como objetivo, no início, «ocupar-se de questões ideológicas na ficção; elas vieram por acréscimo, por alargamento dos próprios horizontes e por arrasto na órbita do debate em torno do neo-realismo». O próprio autor, na nota de abertura (a que chamou «Algumas palavras»<sup>19</sup>), demarca-se de conexões à sua região natal ou a quaisquer outras a que o queiram associar:

*Estas histórias de «O Último Espectáculo», arrancadas aqui e além, no calcorrear da terra portuguesa que tem sido a minha vida, não saíram trajadas à maneira do local onde aconteceram. Não falo em campos de neve, em planícies alentejanas, em latadas do Minho, em águas azuis da costa algarvia. Sofrendo como homem e com a vida dos homens preocupado, esqueço sempre o que me rodeia.*

Há aqui, nesta intenção de apresentar a terra portuguesa, uma vontade de não realçar regiões e de que estas não estabeleçam entre si – nem que haja entre elas e a capital – uma relação de dependência, inferioridade ou superioridade, mas sim de que uma universalidade subjaza às suas criações, posto que diz pretender pintar a vida. Esta sua determinação, articulada com uma existência relativamente curta (54 anos) e com o facto de se ter notabilizado como o escritor das minas, isto é, como aquele que melhor entendeu a vida dos mineiros (ele próprio trabalhou nas minas de Jales, em Trás-os-Montes), poderá ter contribuído para que não tenha sido lembrado como escritor de uma região específica, mas sim como pertencente a um movimento literário específico.

O outro exemplo de neorrealista português é António Simões Júnior (Olhão, 1922-Argentina, c.1996)<sup>20</sup>, cujas primeiras

---

<sup>17</sup> Ver em <http://www.manueldonascimento.net>. Páginas consultadas a 5 de fevereiro de 2013.

<sup>18</sup> De 2004. A 1ª edição fora de 1955.

<sup>19</sup> E cujas páginas não posso referir, já que a edição que existe disponível em *pdf*, em <http://www.manueldonascimento.net/o-ultimo-espectaculo.pdf>, não tem as tem devidamente numeradas.

<sup>20</sup> Não consegui, até entregar este artigo, apurar a data exata do seu falecimento. Deduzi este ano a partir do texto que Joaquim Carlos Silvestre escreveu no *site* da APOS (Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão), consultado a 25 de fevereiro de 2013

obras em prosa, *Vieja Cronica de Olhão* (1956) e *Pequeños Burgueses* (1957), «fazem parte da lista dos livros proibidos pela Censura do Estado Novo»<sup>21</sup>. Emigrado na Argentina desde 1947, Simões Júnior escreve uma vasta obra em castelhano. Talvez seja o facto de ter sido escrito numa língua estrangeira a razão de o texto de *Vieja Cronica de Olhão* (traduzida por Diamantino Piloto com o título de *Antiga Crónica de Olhão*<sup>22</sup>) não ter particularidades linguísticas regionais. No entanto, a novela situa-se claramente (o título assim o confirma) num identificado lugar de província, onde é retratada a realidade de uma vila piscatória, com uma indústria em decadência. Se os naufrágios de que os homens do mar são vítimas e as más condições de trabalho nas fábricas de conserva são um registo regional, tudo o resto é universal e passível de ser compreendido em outras partes do mundo: a fome; a violência das forças policiais (entre outras, veja-se a cena de Eduardo a ser levado para Faro, no capítulo XI e, no seguinte, a ser torturado pela PIDE); a exclusão de que padecem os pobres quando doentes (tuberculoso, Chico engraxador é expulso pelo senhorio; com lepra, o velho sapateiro Calatrava suicida-se); a desgraça que era a vida dos pescadores, dos operários, dos biscateiros, das prostitutas e de todos os que mendigavam e morriam miseravelmente, contrastando com uma burguesia indiferente a este sofrimento e a estas realidades. Tudo isto como exemplo do contexto sociopolítico e económico ali retratado, e fortemente criticado, além da menção explícita ao comunismo e abonatória da União Soviética, insere a obra naquele movimento literário.

O final, como não poderia deixar de ser num texto neorrealista, é esperançoso: o homem novo vai surgir e o povo vai ser livre. O livro termina assim:

*As últimas palavras de Apolinário martelam-lhe a memória: «Semeia esperanças neste vale de angústias do povo. Semeia, que a*

---

([http://www.olhao.web.pt/Personalidades/Antonio\\_Simoes\\_Junior.htm](http://www.olhao.web.pt/Personalidades/Antonio_Simoes_Junior.htm)): «O exemplar do livro que lhe foi enviado para a última morada conhecida, veio devolvido», referindo-se à tradução portuguesa da sua obra de 1956, *Vieja Crónica de Olhão*, publicada em 1996.

<sup>21</sup> Cf. Joaquim Carlos Silvestre, citado na nota 10.

<sup>22</sup> Disponível, desde 2009, em edição eletrónica (em pdf), aumentada em relação à edição em papel, de 1996. Ver aqui:

<http://www.olhao.web.pt/Textos/Biblioteca/AntigaCronicaOlhao.pdf>

*missão do homem é semear». Sente-se mais humano, mais confiante e dono de si mesmo, como se uma nova luz lhe iluminasse o caminho. (Santos Júnior, 1996, p. 85)<sup>23</sup>.*

#### **4. Linguagem popular e linguagem regional<sup>24</sup>**

O verbete de Rogério Puga apresenta ainda uma definição mais abrangente de romance regional:

*Romance cuja acção tem lugar num ambiente (rural) específico, intensamente caracterizado. Subgénero que, tal como o denominado “romance de espaço”, focaliza a sua atenção no ‘modus vivendi’ e paisagem (natural e humanizada) de uma determinada região geográfica.*

De acordo com esta definição, mais simples, mas na senda da enunciada por A. M. C. Lopes de «romance regionalista» (Lopes, 2008) e de «ficção regionalista» (Lopes, 1990)<sup>25</sup>, existem romances regionais em que o Algarve é apresentado numa ruralidade que se oferece como distinta de outras do país, quer através de características linguísticas, quer através de uma dimensão etnográfica.

Evelina Verdelho, no seu estudo intitulado «Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português» (Verdelho, 1982), apresenta a definição de Paiva Boléo (1974, p.275), que distingue estas duas linguagens do seguinte modo:

*linguagem popular é a que fala o povo iletrado, em especial das aldeias; linguagem regional é a que usa o conjunto das pessoas de uma determinada região linguisticamente homogénea. É aquilo a que Leite de*

---

<sup>23</sup> P.100 da edição eletrónica.

<sup>24</sup> Agradeço à minha colega da Universidade do Algarve, Prof.<sup>a</sup> Doutora Lucília Chacoto, as chamadas de atenção e correções a este capítulo.

<sup>25</sup> «Considerava como conto regional todo aquele que estivesse situado geograficamente» e «No conto regionalista, ao contrário, o local não é um acidente, nem simples pano de fundo de uma história. Emerge quando o escritor conscientemente e conhecedor das realidades regionais – suas gentes e linguagem, clima, topografia, fauna, flora, usos e costumes, tradições, etc. – decide defendê-las e valorizá-las, provocando assim a chamada ficção regionalista.» (p.3) (Lopes, 1990, pp.2-3)

*Vasconcelos chamou «dialectos» e a que eu prefiro dar a designação de «falares» (p.ex. o falar minhoto, beirão, algarvio, etc.).*

Evelina Verdelho tem ainda em consideração o que escreve Herculano de Carvalho (1970, p.298) sobre variedades linguísticas regionais: «um algarvio do Barlavento, dentro da mesma província ou área dialectal, tem o seu modo de falar próprio, diverso de um algarvio do Sotavento». No seu exaustivo trabalho, Verdelho fez um estudo linguístico em textos literários de diversas regiões, explicitando, na mesma nota, que o fazia com «o objectivo de distinguir na literatura em análise o que é típico da região, do que o não é», levando em conta estes dois tipos de linguagem. No que respeita ao Algarve, o romance que escolheu para análise foi *Sotavento* (1949) de Hugo Rocha (Porto, 1907-1993), cuja ação decorre em São Brás de Alportel, examinado exaustivamente no plano fónico (ex.: monotongação de *ei* por *ê* – *tê* por *teu* «o *tê* afilhado»), morfológico (ex.: sufixo derivacional *-enho*, como em *serrenho*, da serra; sufixo avaliativo diminutivo *-ito*, como em *tostanito* ou *Conceiçanita*, por *tostãozinho* e *Conceiçãozinha*), passando pela sintaxe, os regionalismos lexicais, os modismos e ditados, todos eles explorados nas suas muitas divisões. O autor de *Sotavento*, natural do Porto, onde viveu a maior parte da vida, em entrevista ao programa *Horizonte*, da Emissora Nacional<sup>26</sup>, à pergunta «como explica essa variedade temática, estando o Hugo Rocha profundamente arreigado ao Norte de Portugal?», esclarece que a «variedade de paisagens geográficas e humanas» se devem, principalmente, ao seu «desejo de fuga do ambiente de sempre, ao quotidiano, ao demasiado visto e conhecido» e define a escrita como «um realismo temperado de romantismo» (p.3).

Este exemplo de Hugo Rocha é paradigmático de como um autor, não vivendo nem sendo originário da região algarvia, pode reproduzir falares, usos e tradições desta zona, com propriedade, confirmando que a escrita de um romance que se situa na determinada região não tem que dela ser originário.

---

<sup>26</sup> *Horizonte – Semanário de Letras e Artes*, emissão de 13 de junho de 1968, disponível em <http://museu.rtp.pt/app/uploads/dbEmissoraNacional/Lote%2040/00030953.pdf>. Consultado a 5 de fevereiro de 2013.

Tal como referiu Lúcia Jorge no referido encontro em Loulé, descomplexámo-nos, o que pode justificar um aumento de um quase orgulho romântico nas origens e o desenvolvimento de uma escrita que preserve as características linguísticas da região, bem como os seus usos e costumes sociais.

#### *4.1. Autores não canónicos*

Os E.U.A têm uma dimensão que não se pode comparar à nossa, mas, para efeitos de compreensão do conceito de regionalismo, uma afirmação de Marjorie Pryse sobre a literatura americana pode ajudar a entender o caso português: «Na literatura americana, regionalismo representa a tensão entre região e nação que se manifesta na hierarquia literária dos autores e textos canónicos e não canónicos» (Pryse, 1998, p. 19).

No Algarve, há literatura de autores não canónicos, isto é, autores portugueses, com qualidade literária, mas que não foram adotados pelos programas escolares nem publicados em editoras com expressão nacional, que, «descomplexados» do estigma do provinciano, procuram mostrar o saber local. São esses que vão marcar a paisagem literária na paisagem geográfica, parafraseando a definição de regionalismo desta mesma autora:

*Como definição preliminar, podemos concordar que o regionalismo representa a estrutura profunda do conhecimento que existe num determinado lugar, onde a paisagem geográfica e literária se impregnam e interligam com características de cultura* (Pryse, 1998, p. 19).

Neste ponto, vou destacar dois autores, com obra publicada merecedora de uma atenção maior do que a que lhes tem sido dada até agora: Diamantino Piloto e Rogério Silva.

*4.1.1. Diamantino Piloto* (Tavira, 1922-Olhão, 2000). Autor de *O meu Olhão (crónicas)* e *Contos de Olhão*, publicado, em 1989, (numa edição aumentada em relação à 1<sup>a</sup>, de 1997), pela editora fareNSE Algarve em Foco, com o número 12 da coleção «Autores Algarvios».

Apesar de localizar as suas histórias em Olhão, quando esta cidade ainda era vila, Diamantino Piloto descreve um ambiente urbano não muito distante do rural, já que os dois mundos não seriam tão distintos na época em que situa a ação (anos 30 do século XX). Talvez a maior diferença apresentada seja entre classes sociais, embora o objetivo não pareça ser centrar-se nessa discrepância, mas sim recordar uma forma de ver o mundo, já perdida, apresentando-a através da inocência das personagens.

A definição de R. Puga (2010) continua de um modo que se adequa a este autor: «esta dimensão regional(ista) é normalmente associada à vivência e à representação da ruralidade, ou seja, da província, na senda da sensibilidade romântica que deu ênfase especial a estes mesmos ambientes sociais».

As personagens de *Contos de Olhão* são, maioritariamente, crianças de uma vila de província, desenhadas a partir das memórias do escritor, «na senda da sensibilidade romântica», como o próprio descreve no início, em «Duas palavras do autor» (p.123), escolhendo o autor transcrever as características fonéticas, sintáticas e semânticas da região, de modo a refletir as classes sociais e/ou os níveis de instrução e a criar ritmo e expressividade. Por exemplo, no conto «O Mudo», o falar da gente do povo aparece transcrito com marcas da oralidade, quer popular quer regional (sublinhados meus): «Atão os moços de vocês também estão de caganeira?... Tou mai a ver que é endace... Vocês sabem que agora même ia eu à do senhor Almeida da farmácia comprar um bocado de remede branco, que o meu Graciano também tá à rasca dos entestinos» (p.187); porém, num contexto mais formal, as personagens populares cuidam da linguagem, de modo a haver um menor contraste. No mesmo conto, enquanto, entre as mulheres do povo, são usadas as expressões mencionadas, como «caganeira» e «tá à rasca dos entestinos» (em vez do nome técnico do sintoma, *diarreia*), já numa conversa entre a criada e a filha da patroa, aquela usa a forma familiar, mas não grosseira, «soltura» («Não me diga, menina, que essa soltura que para aí houve, também atacou a dona Prudência!», p.188), e esta usa o verbo técnico, mas de registo também já familiar, «evacuar», bem como outras expressões de uso frequente e comum («Não foi isso, senhora Francisca! Foi ao contrário! A minha mãe não conseguia

evacuar... Não sei se sabe que ela sofre de prisão de ventre desde há anos, e, de volta e meia, prendem-se-lhe os intestinos», p.189), esbatendo-se as diferenças, mas não deixando de realçar que a classe dominante tinha uma pronúncia correta (cf. a forma «intestinos» e não «entestinos»).

As formas de tratamento, nomeadamente as de cortesia, contribuem também para marcar as diferenças sociais, que revelam, segundo Luís Filipe Lindley Cintra «uma sociedade fortemente hierarquizada» (Cintra, 1986, pp. 15-16): a criada refere-se à patroa como «dona Prudência», mas é tratada por «senhora Francisca». O próprio narrador, apesar de heterodiegético, faz a mesma distinção: quando focaliza na criada, chama-lhe «Chica», quando focaliza na menina Julinha (a filha da patroa), chama-lhe «senhora Francisca»: «De pé no poial, esperava que a senhora Francisca chegasse à porta. Porém, a Chica adiantou-se» (p.188). Neste exemplo há ainda outra marca de classe: as mulheres instruídas ou socialmente favorecidas têm o nome próprio antecedido de «senhora dona» ou «dona», enquanto as mulheres do povo têm apenas «senhora». As formas de cortesia existem também entre pessoas de extratos mais humildes, que tratam os mais velhos carinhosamente por tia ou tio («tia Belmira», p.149).

Percebe-se nas personagens de Diamantino Piloto uma dimensão romantizada da realidade, onde a violência doméstica quase não está presente (há uma alusão a um pai violento, nas primeiras páginas do conto «O “Cêdê”», pp.165-166, e explícita em «A Menina», no qual o marido da personagem Carminha «deu-lhe um violento murro na cara» e, na mesma página, diz o narrador que «levantou o punho e pregou-lhe um violento soco na cabeça», p.218), onde os professores são severos, mas bons (cf. «O Torto e o Macaco», pp.191-197, e «O professor austero», pp. 235-237), e onde a Igreja tem representantes pouco dignos («Um miúdo místico», pp.141-145). O uso de diminutivos carinhosos nos nomes das personagens (Calombinho, Dadinho, Betinho, Julinha, Rosairinha, empregando também formas regionais, isto é, formas nas quais se deram fenómenos típicos da região a nível fonético, como Joquenito, Manlinho, Entonico, Anica), revela carinho pelas figuras que cria, que agem segundo padrões, não necessariamente

regionais, mas certamente não urbanos, de uma época passada – valores de honradez, de respeito pelo ensino e educação, de bondade e compreensão (seja um professor, seja um mecânico, sejam as crianças), onde as posições sociais estavam bem definidas – da qual não se sente saudosismo, mas que se gostava de preservar na memória, como forma de reflexão. Aliás, no seu discurso, o narrador preserva as marcas da pobreza das gentes ali retratadas: sufixos nominais diminutivos, em *-ito* e em *-ório*: «dois quartitos e depois um quintalório» (p.226) dão um sentido depreciativo sem negatividade, pois a pequenez critica a miséria que se adivinha numa casa assim descrita.

Os contos de Domingos Piloto têm também um grande manancial de formas populares e regionais do léxico algarvio, quer na sintaxe, na semântica ou na fonética (que, na sua maioria, são características meridionais, em geral). Por exemplo, é frequente o uso do sufixo nominal *-agem* e *-ada*, com ideia de coletivo, como em *gaiatagem*, *miudagem*, *moçanhada*, *moçada* e *garotada* (*passim*); os diminutivos em *-nito/-nita* das palavras terminadas em *-ão*, como em *caixanito* (p.212), *irmanita* (p.233), em vez dos tradicionais *irmãzinha* e *caixãozinho* (p.213), que é usado pelo narrador, enquanto a forma regional é usada pela personagem; o uso do gerúndio nas construções perifrásticas; transcrições de características de oralidade em frases (e não apenas de palavras) como em «Moh! O que é que táse dezendo, rapá?! Mai tu sabese bem o que te tá acontecendo?» (p.180), ou «*Álhameze-mã*<sup>27</sup>, que grande mentira» (p.156, em itálico no original); passagem do *o* e do *u* a *e* em posição átona: «quemer» (p.203, entre aspas no original), por comer; substituição do *e* pelo *a*, em sílaba nasal tónica, como em «Quam morreu, Zé?» (p.219. Sublinhado meu), por quem; substituição do *i* pelo *e*, em sílaba nasal átona, *entestinos* (p.187), por intestinos; uso da preposição *de* por *em*: «Moro *das* Cabanitas! O meu pai tá preso *da* casinha das pulgas. Andou à porrada lá em baixo *da* praça» (p.233, em itálico no original).

<sup>27</sup> Expressão incluída no opúsculo, publicado postumamente, de António Henrique Cabrita, *Curiosidade da fala dos pescadores olhanenses*, Olhão, APOS, 2008, disponível aqui: <http://www.olhao.web.pt/Textos/FalaPescadoresOlhaoAC.pdf>

A recolha de crónicas *O meu Olhão* é também um valioso meio de preservação desta linguagem, bem como de personagens que marcaram a vida naquela terra, recordadas com nostalgia nos anos em que foram escritas. Regionais? Locais? Talvez não, pois a dimensão humana que trazem ao leitor ultrapassa as fronteiras do Algarve.

4.1.2. *Rogério Silva* (Tavira, 1945-) é outro escritor não canónico cujo saber está a ser desperdiçado ao não ser, pelo menos, de leitura aconselhada nas escolas. Depois de *Contos do Barrocal*, em edição de autor de 1998, publica na Gente Singular (editora sedeadada em Olhão) o livro de contos *Fonte Salgada*, em 2008. No prefácio, Teresa Rita Lopes aproxima-o do neorealismo, pela temática, e realça que a criatividade é uma das muitas razões que tornam este livro único: «Além de fixar, lutando contra o esquecimento, essas palavras que já nem os algarvios usam [...], o autor aplica-se a criar, por derivação, acrescentando-lhe sufixos, palavras novas que, se não se dizem, poderiam perfeitamente dizer-se». E conclui: «se o tempero é algarvio, o manjar é português». (p.12)

A riqueza, a diversidade, a criatividade linguística destes contos podem fazê-los vir a ser objeto de um estudo aturado sob vários pontos de vista, nomeadamente sob o aspeto que tem sido o objeto deste ponto da reflexão: a literatura regional, visto que, quer o narrador quer as personagens das histórias de Rogério Silva empregam uma variadíssima linguagem regional, popular e familiar, de acordo com os contextos. Este autor, porém, não cai no exagero de tornar ridículas as personagens por um uso excessivo de expressões populares e regionais mas, pelo contrário, trata-as com toda a dignidade; demonstra ainda uma grande mestria e um profundo conhecimento, quer da língua materna, quer de outras, permitindo-lhe grande elasticidade expressiva: galicismos, como *métier* (p.167), anglicismos, como *match* (p.190), italianismos, como *garbo*, latinismos (normalmente termos jurídicos), entrecruzam-se com regionalismos, como *palaio* (um tipo de enchido) ou *almareado* (enjoado), com harmonia e elegância.

Neste livro encontramos também alguma metalinguagem, como o esclarecimento apresentado sobre o fenómeno da nasalização típica da serra: «Sentia desprezo pelos serrenhos, pela fala mazorra trocando o *ou* pelo *om* (*som da serra, som serrenho*)» (p.92); descobrimos também a história de Olhão ou, melhor dizendo, Olhão na história: «vidas sustidas por nós e atilhos delidos que no mar, na ria, nas obras e nas fábricas de conservas»; «certava com uma pedra nos cornos dum chibato a mais de cinquenta passos... [quando o viam pegar numa pedra, fugiam], que nem as tropas do Junot após o recontro em Quelfes» (p.25); e retiramos informação sobre o que se planta e colhe nos campos: «A um e outro lado, nos passeios, refulgia o perinho de Monchique, a pera pérola, o figo seco, a farroba galhosa torradinha, a uva serrenha e a romã» (p.123), «aos alvares de São João, quando o *lampo cachopeiro* intumescia e começava a expor o brilhoso guloso [...] o figueiral [...] abundava de *castelhano* e *bêbera* luzindo no seu tom castanho-escuro, e de *coito* pequenote de pedir meças ao mel» (p. 64).

A distância que a geografia impunha, separando o Algarve do resto do país, fazia com que famas fossem criadas, como esta, refletida na opinião de um padre: «Tinha nos algarvios uma descrença atávica caldeada no preconceito religioso e histórico que os taxava de agarenos, relapsos à cruz de Cristo, mouros sem lei nem fé» (p.101); mas também podiam ser romantizadas, como a memória que o professor de filosofia, reformado, curiosamente chamado Adolfo Rocha, o verdadeiro nome de Miguel Torga, tinha da rapariga de quem gostava:

*louçã e solta, livre e insubmissa, atributos que sempre pensou comporem o carácter das gentes do mar. Via-lhe nos olhos claros a cor da areia da praia, no cabelo espesso a coloração crestada e a forma riça das moitas dos sapais; sentia o cheiro da ria, desprendendo-se da mancha pardacenta com que o lodo lhe cobria os pés e um bom palmo de bojo da parte inferior das pernas; e, ainda que embaraçados, os olhos da memória detinham-se mais do que parecia decoroso nos contornos túrgidos que a bata surrada comprimia no peito e nos quadris daquele corpo de mulher do sul, de talhe trigueiro e meão.* (p.182-3)

As personagens principais destas histórias são maioritariamente gente simples, do povo, apresentadas sem

romantismos exagerados, por vezes até com crueza, não sendo claras as fronteiras entre «bons» e os «maus» – tal como na vida – pois aqui são retratadas pessoas e não tipos sociais. Com um humor fino, descreve histórias e sentimentos e faz com que um dos contos mais filosóficos, «Fidelidade» (pp.217-220), seja narrado, na primeira pessoa, por um cão:

*Que contingente é a existência, e como nela os acasos decidem tanta mudança, alteram tanto o destino. No jogo entre a vida e a morte, entre o êxito e o fracasso, entre a ofensa e a justiça, quantas vezes não é o incerto, o casual, o intangível, quem profere a decisão, quem lavra as páginas do futuro que só se lêem depois.* (p.219)

Estes textos, pela sua qualidade literária, citando (e extrapolando) Fernando Paulo Custódio, no prefácio que fez a *Contos do Barrocal*, «não desmerecem figurar em qualquer antologia do conto português» (p.17).

Quer em Rogério Silva, quer em Diamantino Piloto, há uma forma de ver o mundo que nos ensina a sermos melhores naquele em que agora vivemos. Neste sentido, e sem demérito algum, antes pelo contrário, podemos afirmar que estamos perante uma escrita regionalista, considerando regionalismo como o que nos diz Marjorie Pryse, no já citado artigo, p.22: «o regionalismo representa um impulso para manter vivas visões alternativas ao desenvolvimento nacional e global», definição que em nada diminui os que optam por fazer literatura, focando, precisamente, estas «visões alternativas» que as regiões têm para dar.

4.1.3. Na já referida *Antologia de Novos Autores de Olhão*, uma das concorrentes aí publicadas, Julieta Lima (Olhão, 1949-), segue esta senda e procura transpor para a escrita uma linguagem oral típica dos falares meridionais, do Algarve, e mesmo apenas de Olhão. Nos seus contos e poemas, encontramos exemplos de transcrição «quase» fonética, como em *mocequêno* (por moço pequeno, isto é, criança, p.12); de monotongações, como a que se dá com a passagem de *eu* para *ê*, como em *mê* (meu); de *ei* para *ê*, como em *pêxe* (p.15); de características morfológicas, como os diminutivos das palavras terminadas em ditongo nasal -ão: *canita* (p.37, que é o feminino de *canito*, que, por sua vez, está por *cãozinho*); de expressões como *ir à de* (que significa ir a casa de:

*Então a Rita foi à do Francisco?*, p.34) ou arcaizantes, em *ter avonde* (ter que baste, p.38); de uso de léxico da região, em substantivos, como *marafona* (meretriz, p.33), em verbos, como *ramocar* (resmungar, p.34), ou adjetivos, como *marafada* (irritada, p.34). Além das formas regionais, também há algumas de cariz popular, como o fenómeno fonético de supressão, quer no início, como em *nha*, por *minha* (p.15), quer no fim, como em *moss* (por *moço*, p.15); ou a substituição do *o* e do *u* por *e* quando em sílaba átona: *melher* (p.38), *maride* (p.44), *assassines* (p.46) *assade* (p.46).

Os contos de Julieta Lima passam-se num tempo antigo, em que as fábricas de conserva de peixe ainda eram o grande empregador e o povo era normalmente iletrado. A escolha desta época permitiu-lhe conseguir um maior efeito de verosimilhança, pois, com a escolaridade obrigatória, as diferenças de expressão tendem a esbater-se, podendo vir a região a perder uma das suas mais fortes características: os falares.

#### 4.2. *Mó, Moh, Mosse, Móce, Moce*

Estes autores não têm uma forma única de transcrever a linguagem popular, pelo próprio facto de serem falares muito localizados. Tomando como exemplo «moço», verifica-se que é frequentemente usado como exclamação, à semelhança do generalizado «pá»<sup>28</sup>. Tal como este poderá ser uma redução de «rapaz» e uma «forma vocativa que serve para chamar a atenção de alguém e é usada com entoação exclamativa na oralidade»<sup>29</sup>, bem como uma «forma coloquial usada como bordão»<sup>30</sup>, o mesmo se poderá dizer de «moce» e de «mó» (e das suas variantes)<sup>31</sup>:

«– Móce, mano Zé! Mandaram-me uma carta, mó. O Árol queria lê-la ma ê cá na quis.» (p.212, RS<sup>32</sup>)

<sup>28</sup> Cf. o número 2 da entrada «pá», do vulgarmente chamado *Dicionário da Academia* (2001).

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>31</sup> Os sublinhados são meus. O itálico que se encontra dentro das aspas está no texto original.

<sup>32</sup> RS – Rogério Silva; DP – Diamantino Piloto; JL – Julieta Lima.

«– Um trapo, mosse, chega-me aí um trapo» (p.38, JL)

«– Vais ver, quando a gente menos esperar, temos aí os Compadres a pedir a mão da mocequêna» (p.34, JL)

«– Moce! E se a gente fosse dizer à polícia?» (p.211, DP)

«– Moh! O que é que táse dezendo, rapá?!» (p.180, DP)

Também porque não se encontram dicionarizados<sup>33</sup>, não há uma uniformização gráfica em alguns vocábulos, como o verbo *xaringar* («e xaringou por todos os séculos dos séculos», p.190, RS)/ *charingar* («era o pai a charingar-lhe o juízo», p.209, RS)/ *charengar* («Estou charengado...», p.161, DP); por vezes, existindo um verbete dicionarizado, usa-se tanto essa forma como a popular, como no caso de «marfado», em que, a par desta, se pode ler «marafado», mais próxima da pronúncia.

De uma certa forma, este é o resultado de se tentar, sem recurso a transcrição fonética, escrever o oral.

## **5. Considerações finais**

O título inicial deste trabalho («A criação literária e o Algarve») pretendia não cunhar pertenças (evitando preposições ou adjetivos, como aconteceria se escolhesse «O Algarve na Literatura», ou «Literatura algarvia», ou «Literatura no Algarve», ou «A Literatura do Algarve», ou o uso de qualquer metonímia por «o Algarve», como «o Sul»), mas as pertenças existem e não havia razão para as evitar.

Não é fácil responder às perguntas do título: criação literária do Algarve ou no Algarve?

Se se considerar criação literária no Algarve a que é publicada em editoras algarvias, a resposta é sim, que há, na medida em que há editoras que editam maioritariamente autores

---

<sup>33</sup> Foram consultados os seguintes dicionários e vocabulários: *Dicionário da Academia*; *Dicionário eletrônico Houaiss 1.0*; *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (online: <http://www.priberam.pt/dlpo/>); *Vocabulário Ortográfico Português* (online: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org>) e o *Vocabulário da Língua Portuguesa*, de Francisco Rebelo Gonçalves.

algarvios (Gente Singular, Arandis, Algarve em Foco, 4águas, para nomear apenas algumas); há grupos literários que se formam na região, como o Círculo Literário do Algarve, editor da revista *Sulscrito* (editado pela 4águas). Também há literatura editada por meios menos tradicionais mas de grande difusão, como a Internet, em que não há um lugar geográfico definido, mas da qual se pode dizer que é do Algarve, quando os próprios assim se arrogam. Foi o caso de *Texto-Al*, «Grupo Literário do Algarve», que se descrevia como «um grupo informal de pessoas unidas pelo interesse e paixão pela literatura»<sup>34</sup>, que durou de 2008 a 2012. Este projeto teve como autores, entre outros, o poeta Tiago Nené (Tavira, 1982-).

Outro escritor que fez parte desta iniciativa foi Luís Ene (Faro, 1951-), que assume o seu gosto pela blogosfera como meio privilegiado de divulgação dos seus escritos<sup>35</sup>, sendo este meio aparentemente<sup>36</sup> desprovido de geografia. Cultor das micronarrativas, já publicou várias obras, de diferentes géneros. E se *Saudade de Água. Memórias de Faro* é claramente (como o subtítulo indica) um livro de preservação da memória de um lugar, já o seu romance *Justa Medida* (2003), um policial (dito de uma forma simplista) que se passa no Algarve, não fará dele, forçosamente, um romance do Algarve.

E entre os mais novos, onde colocar o poeta Pedro Afonso (Faro, 1979-) ou o escritor Sandro William Junqueira (Rodésia, 1974-)? Este último vive em Portimão desde 1986, e foi um dos autores portugueses representados no Brasil, numa Festa Literária Internacional. Publicado por uma grande editora (Caminho, agora parte do grupo Leya), este é um dos escritores que não reflete o Algarve onde vive nos mundos que cria nas suas ficções. Como ele haverá outros, que, se usam o Algarve, fazem-no como recurso estilístico, para realçar uma ou outra ideia que naquele espaço ficaria valorizada.

<sup>34</sup> Como se pode ler no blogue: <http://www.texto-al.blogspot.pt/>

<sup>35</sup> <http://luis-ene.blogspot.pt/>, <http://osenhorene.blogspot.pt/>, <http://blogdapontamentos.blogspot.com/>.

<sup>36</sup> Digo aparentemente, pois vários sítios se têm vindo a desenvolver marcadamente como pertencentes a lugares geográficos. Qualquer busca na Internet revelará muitos que assumidamente se dizem «do Algarve».

E a criação literária *do* Algarve? Se se considerar como tal aquela cuja ação se desenrola no Algarve, também certamente que há e vários exemplos foram referidos neste artigo. Um livro como *Daan, um cão português com patinhas de veludo*, de Tessa de Loo, escritora holandesa radicada na região, que se passa quase todo em terra algarvia, com descrição de espaços concretos, como Alte ou Ribeira de Algibre, também seria do Algarve? Ou os poemas *Lagos I* ou *Lagos II*, de Sophia de Mello Breyner Andresen?

E poder-se-á falar de escritores regionais ou regionalistas? Tome-se o exemplo de António Manuel Venda. A localização da maioria das suas obras é no Algarve, nomeadamente Monchique, Marmeleite, Alferce, Portimão, mas poderiam ser localizadas noutros lugares? Certamente que podiam e algumas até o são. Por exemplo, no livro de contos *Quando o Presidente da República visitou Monchique por mera curiosidade*, no conto «A Bruxa do Bairro Alto de S. Roque» p. 13, ou «Um Professor Cada Vez Maior», na p.101, acontecem em Lisboa, assim como vários dos seus romances, como *O que entra nos livros* ou *O sorriso enigmático do javali*, que se situam numa outra região, o Alentejo. Mesmo quando descreve o terrível incêndio que devastou a zona de Monchique, em *Uma noite com o fogo*, na sua forma de contar não nomeia espaços nem locais, pois o que descreve podia-se passar em qualquer parte do mundo.

Será, então, mais correto dizer-se que há «obras regionalistas» do que «escritores regionalistas»? Provavelmente, se seguirmos as definições que foram sendo apresentadas e, como é visível, não coincidem exatamente entre si. Nas obras de Rogério Silva, por exemplo, há uma escolha deliberada de uso do Algarve como espaço geográfico e cultural, com uma intenção programática de preservação daquilo que lhe é típico, identificativo, daquilo que faz com que se pense e entenda esta região como pertença sua. É, então, a existência de uma linguagem regional que faz um romance ser regionalista?

Como comodidade comunicativa, continuar-se-á a tentar classificar as obras, para nos ajudar a compreender melhor estas e

muitas outras questões que o tema levanta, mas estas classificações e definições não são a realidade.

Por isso, o debate continuará, saudavelmente, sem respostas definitivas, graças à contínua criação da obra de arte literária, que escapa a quaisquer daqueles espartilhos.

### **Referências Bibliográficas**

- AFONSO, Pedro (2008). *Ainda este lugar*. Tavira: 4 Águas.
- AFONSO, Pedro (2012). *A mesma cantiga de sempre*. Póvoa de Santa Iria: Lua de Marfim.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1996). *Obra Poética III*. Lisboa: Caminho.
- ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO, Olhão: Casa da Juventude – Câmara Municipal de Olhão.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1955), *Unidade e variedade da língua portuguesa*, posteriormente incluído em (1974) *Estudos de Linguística portuguesa e românica, Vol.I*, Coimbra: Acta Universitatis Conibrigensis.
- CABRITA, António Henrique (2008). *Curiosidade da fala dos pescadores olhanenses*. Olhão: APOS.
- CARVALHO, José G. Herculano de, *Teoria da Linguagem*, Tomo I, reedição. Coimbra, 1970, pp.297-298, apud E. Verdelho, n.1 p.1.
- CEIA, C. (2010). *E-Dicionário de Termos Literários*.
- CENTAZZI, Guilherme (2012). *O Estudante de Coimbra*. Lisboa: Planeta Manuscrito.
- CINTRA, L. F. (1986). *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.) (1987). *Dicionário de Literatura* (3<sup>a</sup> ed., Vol. 1<sup>o</sup>). Porto: Figueirinhas.
- CRISTÓVÃO, F., FERRAZ, M. L., & CARVALHO, A. (1997). *Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas*. Lisboa: Edições Cosmos.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- ENE, Luís (2010). *Saudade de Água. Memórias de Faro*. S.l. Cão danado.
- ENE, Luís (2003). *Justa Medida*. Porto: Porto Editora.
- GONÇALVES, Francisco Rebelo (1966). *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora.
- JORGE, Lídia (2010). *O dia dos prodígios*. Lisboa: Dom Quixote (1<sup>a</sup> ed. 1980).
- JUNQUEIRA, S.W., (2009). *O caderno do Algoz*. Lisboa: Editorial Caminho.

- JUNQUEIRA, S.W. (2012). *Um Piano para Cavalos Altos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- LOO, Tessa de (2012). *Daan, um cão português com patinhas de veludo*. Lisboa: Bertrand Editora.
- LOPES, A. M. (2008). «Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura». *Portugal: Percursos de Interculturalidade*, 3.
- LOPES, A. M. C. (1990). *O conto regional na imprensa periódica de 1875 a 1930, vol. I – Estudos e bibliografias*, Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa.
- MARREIROS, G. M. (2001). *Quem foi Quem: 200 Algarvios do século XX*, Lisboa: Colibri.
- MENDES, António Rosa (2008). *Olhão fez-se a si próprio*, Olhão: Gente Singular Editora.
- NASCIMENTO, Manuel do (1955). *O Último Espectáculo*. Ed. online, de 2004, disponível em pdf, em <http://www.manueldonascimento.net/o-ultimo-espectaculo.pdf>
- PILOTO, Diamantino (1997). *O meu Olhão (crónicas) e Contos de Olhão (2ª edição aumentada)*. Faro: Algarve em Foco.
- PRYSE, M. (1998). «Writing out of the gap. Regionalism, resistance and relational reading». In C. e. Riegel. *A Sense of Place: Re-Evaluating Regionalism in Canadian and American Writing*. Edmonton, Alberta: The University of Alberta Press.
- PUGA, R. (2010). Romance Regional. In C. Ceia, *E-Dicionário de Termos Literários*.
- RIEGEL, C., & WYILE, H. (1998). *A Sense of Place: Re-Evaluating Regionalism in Canadian and American Writing*. Edmonton, Alberta: The University of Alberta Press.
- SANTOS JÚNIOR, A. (1996). *Antiga Crónica de Olhão*. (Trad. Diamantino Piloto) Olhão: Gráfica Algarve.
- SILVA, Nuno Pereira (coord.). (2010). *O Algarve e as Invasões Francesas*. Tavira: Ed. Regimento de Infantaria 1.
- SILVA, Rogério (1998). *Contos do Barrocal*. Olhão: Ed. Autor.
- SILVA, Rogério (2008). *Fonte Salgada*. Olhão: Gente Singular.
- TEIXEIRA-GOMES, M. (1986). *Agosto Azul*. Venda Nova: Bertrand.
- VENDA, António Manuel (1996). *Quando o Presidente da República visitou Monchique por mera curiosidade*. Lisboa: Pergaminho.
- VENDA, António Manuel (2007). *O que entra nos livros*. Porto: Âmbar.
- VENDA, António Manuel (2009). *Uma noite com o fogo*. Lisboa: Quetzal.
- VENDA, António Manuel (2010). *O sorriso enigmático do javali*. Lisboa: Quetzal.
- VERDELHO, E. (1982). Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português. *Separata do Boletim de Filologia*, 27.

WYLE, H., RIEGEL, C., OVERBYE, K., & PERKINS, D. (1998).  
Introduction - Regionalism Revisited. In C. Riegel, & H. Wyle, *A Sense of  
Place: Re-Evaluating Regionalism in Canadian and American Writing*.